Data: 18.11.2021
Titulo: Maioria dos que morrem tem mais de 80 anos e outras doenças
Pub: Diário de Notícias
Tipo: Jornal Nacional Diário
Secção: Destaque
Pág: 1;10;11

Covid
Maioria dos que morrem tem mais de 80 anos e outras doenças

Mais de 200 mortes registaram-se entre idosos debilitados. E acima dos 70 anos foram 300 as vidas perdidas. "Uma simples constipação pode matar", lembra intensivista. Quem mais transmite a doença são crianças e jovens.
PÁGS. 10-11

Área: 1644cm²/ 52%
Tiragem: 15.750
FOTO
Cores: 4 Cores
ID: 7276226

Data: 18.11.2021
Titulo: Maioria dos que morrem tem mais de 80 anos e outras doenças
Pub: Diário de Notícias
Tipo: Jornal Nacional Diário
Secção: Destaque
Pág: 1;10;11

QuickCom comunicação integrada

Área: 1644cm²/ 52%
Tiragem: 15.750
FOTO
Cores: 4 Cores
ID: 7276226

Morte atinge idosos com mais de 70 anos e vírus é transmitido por crianças e jovens

COVID-19. De 1 de outubro até ontem, morreram mais 304 pessoas. Destas, 205 tinham mais de 80 anos e 65 estavam entre os 70 e os 79. Análise aos boletins diários da DGS revela também que o maior aumento percentual de novas infeções foi no grupo dos 0 aos 9 anos (7,5%) e que o maior número de casos foi entre os 20 e os 29 anos (mais 6654).

TEXTO **ANA MAFALDA INÁCIO** E **PEDRO SEQUEIRA**

Quem está a morrer em Portugal com covid-19? A pergunta tem sido feita por especialistas e não só. Mas os dados concretos, oficiais e disponibilizados diariamente, só permitem perceber em que faixas etárias é que se morre mais. O bastonário dos médicos já pediu publicamente à Direção-Geral da Saúde (DGS) que divulgue a informação com mais detalhes (por exemplo, se estavam ou não vacinados e há quanto tempo ou se sofriam de comorbilidades), até para apoiar a comunidade científica na análise da evolução da doença. Mas isso ainda não acontece. O problema é que a esta questão juntam-se outras, como em que idades está a ocorrer o maior número de casos, quem está a chegar aos hospitais para internamento em enfermarias e nas unidades de cuidados intensivos? Quantos dos infetados e internados estavam ou não vacinados e há quanto tempo? O DN também enviou estas perguntas à DGS , mas a resposta que chegou foi que tais dados só são atualizados mensalmente, devendo ser conhecidos na sexta-feira.

No entanto, uma consulta aos boletins diários da DGS sobre a doença permite tirar algumas conclusões, nomeadamente: quem está a morrer são pessoas da faixa etária acima dos 70 anos e quem está a transmitir a doença são, principalmente, as crianças dos 0 aos 9 anos e os jovens adultos dos 20 aos 29. Quem está nos hospitais confirma que a mortalidade está atingir os idosos, mais vulneráveis, com comorbilidades e vacinados há muito tempo. E que a nível da transmissão são os mais novos, uns porque não estão vacinados, outros porque são jovens adultos ainda sem vacinação completa e com mais comportamentos de risco. "São resultados que já tínhamos detetado, mas é preciso termos dados mais concretos para se fazer uma avaliação", disse ao DN o matemático do Instituto Superior Técnico (IST), Henrique Oliveira, que integra a equipa que faz a modelação da doença a longo prazo juntamente com a Ordem dos Médicos.

De acordo com os mesmo dados, desde o dia 1 de outubro – data em que foram levantadas todas as medidas restritivas em vigor até essa altura, nomeadamente o uso de máscara na rua, dentro de restaurantes, bares, discotecas e em locais de trabalho – e até ontem, 17 de novembro, morreram mais 304 pessoas em Portugal com covid-19, passando o total de óbitos de 17 979 para 18 283. A esmagadora maioria dos óbitos ocorreu acima dos 70 anos. Ou melhor, 205 pessoas tinham mais de 80 anos, 65 estavam entre os 70 e os 79 e 25 entre os 60 e os 69 anos. Houve ainda duas mortes na faixa dos 50 aos 59 anos, seis entre os 40 e os 49 anos e uma entre os 30 e os 39 anos. As outras não registaram qualquer óbito neste período. Apesar de tudo, o número de mortes demonstra que a doença nesta fase é menos grave do que nas vagas anteriores.

Recorde-se que, na edição de ontem do DN, o diretor do Serviço de Infecciologia do Hospital Curry Cabral, que integra o Centro Hospitalar Universitário Lisboa Central (CHULC), Fernando Maltez, confirmava que no dia anterior tinha apenas 15 doentes com covid na sua enfermaria, com uma média de idades que "ronda os 70 anos, mas a maioria são idosos acima dos 80, havendo alguns casos extremos, de 50 e 89 anos". "A maioria também tem comorbilidades, o que é normal para estas idades. Muitos deles tinham vacinação completa, mas já há algum tempo. São doentes que não têm a gravidade que vimos nos casos das ondas anteriores. Têm predominantemente pneumonia e dificuldade respiratória, mas sem grande necessidade de cuidados intensivos", acrescentou.

Do lado dos cuidados intensivos, o relato é o mesmo, segundo afirmou ao DN Philip Fortuna da Unidade de Cuidados Intensivos do Hospital São José, que integra o CHULC: "Não têm chegado muitos doentes com covid. Neste dia, temos quatro." Sobre a mortalidade, diz, "o que tem acontecido é que, numa altura destas, mesmo a doença que não é grave, como uma constipação, pode matar um idoso, porque são os mais vulneráveis".

Transmissão cresceu mais no grupo dos 20 aos 29 anos

Os dados obtidos através dos boletins diários da DGS, nestes 48 dias, revelam ainda que a transmissão está a ocorrer maioritariamente em duas faixas etárias: dos 0 aos 9 anos, que registou neste período mais 4955 casos, um aumento percentual de 7,5%, e na dos 20 aos 29 anos, que teve mais 6654 casos, um aumento percentual de 3,8%.

Dados que fazem o matemático do IST reforçar a necessidade de informação mais detalhada para se avaliar a evolução da doença e até para a tomada de decisões. Recorde-se que o governo decidiu nesta semana, e devido ao aumento do ritmo de crescimento dos casos, agendar para amanhã uma reunião com peritos no Infarmed para avaliação da situação.

Ao DN, Henrique Oliveira explica que, no espaço de sete dias, a realidade ultrapassou as suas estimativas. "Estamos com um ritmo de crescimento, numa média a sete dias, da ordem dos 5,6%, o que é muito. Nes-

Idosos com mais de 80 anos e com outras doenças, alguns vacinados há muito tempo, são os que estão a morrer com covid-19.

CASOS

IDADES	Total a 01/10/2021	Total a 17/11/2021	Variação (casos)	Variação (%)
0-9	66 193	71 148	+4955	7,5
10-19	115 019	119 137	+4118	3,6
20-29	174 180	180 834	+6654	3,8
30-39	157 762	163 773	+6011	3,8
40-49	171 888	178 223	+6335	3,7
50-59	146 218	151 382	+5164	3,5
60-69	99 146	103 216	+4070	4,1
70-79	63 623	66 549	+2926	4,6
80+	75 946	78 420	+2474	3,3
TOTAL	1 069 975	1 112 682	+42 707	4

MORTES

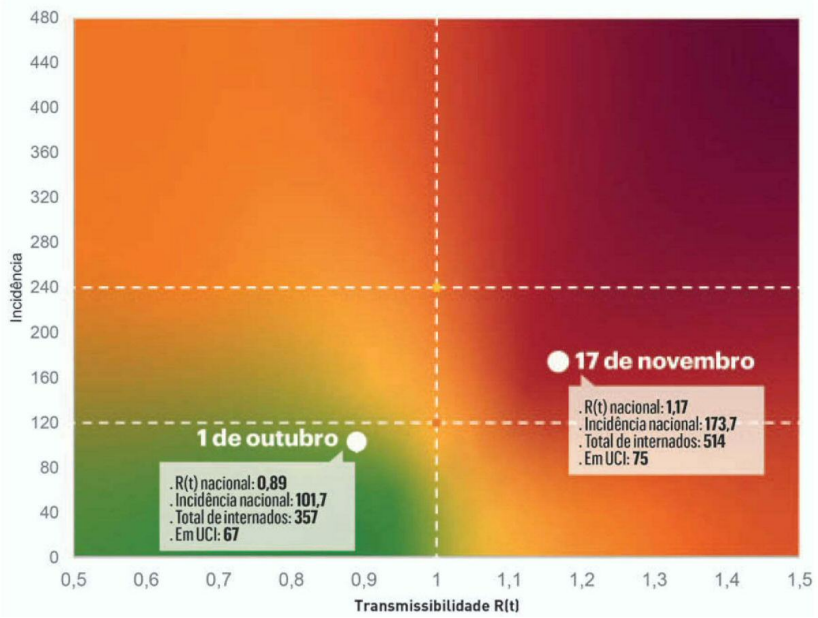
IDADES	Total a 01/10/2021	Total a 17/11/2021	Variação (mortes)	Variação (%)
0-9	3	3	0	0
10-19	2	2	0	0
20-29	13	13	0	0
30-39	46	47	+1	2,2
40-49	178	184	+6	3,4
50-59	522	524	+2	0,4
60-69	1641	1666	+25	1,5
70-79	3850	3915	+65	1,7
80+	11 724	11 929	+205	1,7
TOTAL	17 979	18 283	+304	1,7

Data: 18.11.2021
Titulo: Maioria dos que morrem tem mais de 80 anos e outras doenças
Pub: Diário de Notícias
Tipo: Jornal Nacional Diário
Secção: Destaque
Pág: 1;10;11

Área: 1644cm²/ 52%
Tiragem: 15.750
FOTO
Cores: 4 Cores
ID: 7276226

ARTUR MACHADO / GLOBAL IMAGENS

Matriz de risco



te momento, e sempre tendo em conta uma média a sete dias, estamos com 1677 casos, mas este ritmo de crescimento vai fazer que, no dia 25 de novembro, a média já esteja nos 2600 casos", quando as anteriores previsões do matemático apontavam para números dessa grandeza só na altura do Natal.

Tendo em conta que as mortes estão a ocorrer na faixa etária acima dos 80 anos, Henrique Oliveira sublinha "a necessidade extrema que existe em se acelerar o reforço de vacinação nos mais idosos e nos profissionais de saúde". "São quase 3 milhões de pessoas que deveriam estar vacinadas até ao dia 10 de dezembro para se conseguir travar o crescimento da doença", explicou. Mas pode não chegar. "Se não quisermos ter mais mortalidade em janeiro, após a época natalícia, é preciso que o governo analise a situação e, se calhar, que tome algumas medidas." Ontem, Portugal ultrapassou de novo a barreira dos 2 mil casos diários – foram 2527 e nove óbitos –, o que não acontecia desde 2 de setembro. Ainda assim, Henrique Oliveira lembra que, em termos de mortalidade, e numa média a sete dias, estávamos piores em agosto. "Em agosto, estávamos com uma média a sete dias de 13 mortes e agora estamos abaixo das nove mortes." Ontem subiu também o número total de internamentos, para 514, mais 28 do que no dia anterior. Destes, 75 estão em cuidados intensivos, menos cinco do que na véspera. A incidência por 100 mil habitantes passou de 156,5 casos para 173,7. O ritmo de transmissibilidade R(t) passou de 1.16 para 1.17.

Se olharmos para os dados de 1 de outubro, temos noção do crescimento da doença. Há 48 dias a incidência era de 101,7 por 100 mil habitantes, e o R(t) de 0,89. E já há especialistas a defender que o reforço vacinal contra a covid deveria ser dado a partir dos 50 anos, tal como está a ser feito em outros países, nomeadamente no Reino Unido. E sem prazos, sem ter de haver um intervalo de seis meses após a vacinação completa. Nas camadas mais idosas, acima dos 70 anos, há quem considere que estas pessoas, em vez de aguardarem pelos seis meses, deveriam ser vacinadas com o reforço o mais rapidamente possível. A Agência Europeia de Medicamentos (EMA) decidiu nesta semana retirar os intervalos definidos para a dose de reforço para as idades mais avançadas. E, ao DN, o infecciologista do Curry Cabral, Fernando Maltez, disse mesmo que, num futuro muito próximo, prevê que "este reforço tenha de ser dado a toda a população".

Nesta semana têm-se multiplicado os apelos dos especialistas para que a população volte a cumprir com rigor as medidas profiláticas que já todos conhecemos, como o uso de máscara, a higienização das mãos e o distanciamento social.

anamafaldainacio@dn.pt
pedro.sequeira@dn.pt